

Vontade e possibilidade

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)

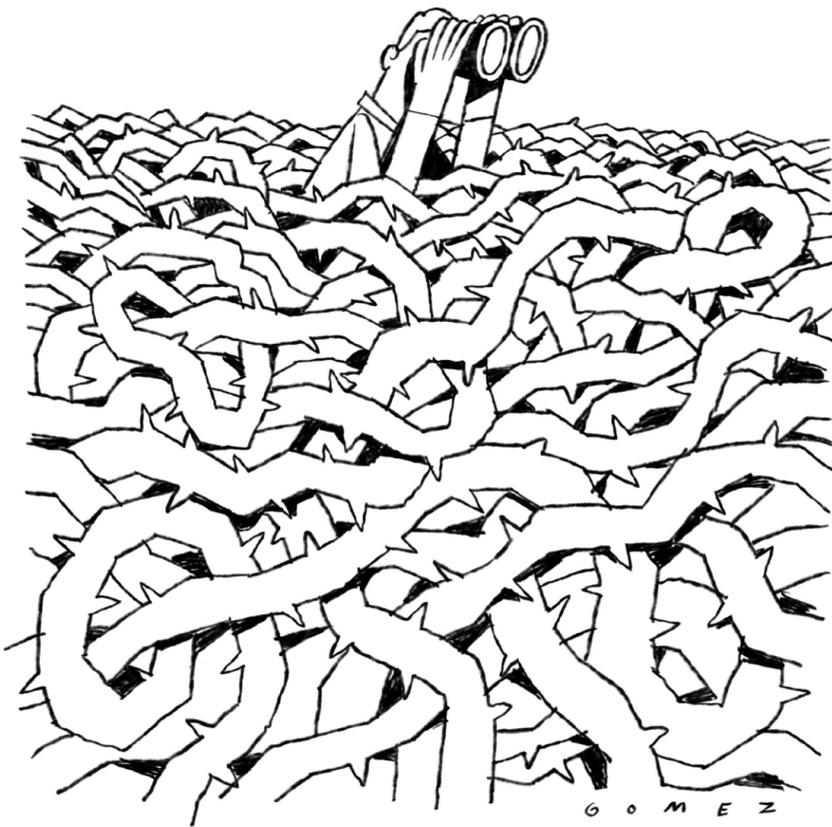
Guerra é a continuação da política por outros meios, segundo a clássica definição de Clausewitz. Mas a prática do enfrentamento bélico significa mortos sem fim e sem explicação, sempre com base em algum pretexto criado por algum inventivo assessor do grande chefe. Nos dias que correm, Putin insiste na tese de desnazificar a Ucrânia, país que é dirigido por um judeu. É incoerência absoluta para justificar a violenta agressão com objetivo de ganhar território, guerra de conquista, atitude inimaginável na Europa do século 21. Repetição anacrônica da sangrenta aventura de Hitler. O povo que se dane.

A guerra, contudo, tem outras justificativas. A economia norte-americana, por exemplo, precisa de conflitos bélicos para se desenvolver. Somente a Marinha dos Estados Unidos possui 13 grupos de batalha, com porta-aviões prontos para operar em qualquer canto do planeta. Cada um destes grupos, com centenas de aviões, helicópteros, cinco navios e um submarino de ataque rápido, exige a participação de 6.700 homens e mulheres para tripulá-los ao custo de US\$ 6,5 milhões por dia. Essa máquina precisa trabalhar. Se ficar parada corre o risco da obsolescência.

As consequências dos conflitos bélicos nem sempre correspondem ao planejado. A Guerra do Vietnã serviu para confirmar o poder dos comunistas na região. O contrário do pretendido por Washington. A invasão do Iraque resultou na morte do ditador, na destruição do país, no saque às relíquias históricas e no assalto às fontes de petróleo. Os lucros norte-americanos foram abissais. Mas as consequências políticas não contribuíram em nada para a paz regional ou mundial. Prevaleceu a bestialidade.

Há eventuais ganhos laterais nesses períodos excepcionais. A polonesa Marie Curie, prêmio Nobel, trabalhou na Primeira Guerra Mundial aplicando seu aparelho de raios X, chamado de *petite Curie*. Evitou a amputação de milhares de pernas e braços dos soldados. A penicilina na Segunda Guerra salvou a vida de muitos combatentes. Novas tecnologias foram descobertas. O Brasil auxiliou no esforço de guerra na Europa com seus 25 mil pracinhas e exportação de matérias-primas. Fez um caixa importante. Aumentou reservas, quando o principal produto de exportação era o café.

Eurico Gaspar Dutra tomou posse na presidência da República do Brasil em janeiro de 1946, logo após o final da Segunda Guerra. Encontrou o cofre cheio. Seu governo liberal abriu as portas às importações de bens de consumo, numa época em que o parque industrial brasileiro era mínimo e desprotegido. Resultado: o dinheiro acabou, a inflação apareceu, a moeda se desvalorizou e teve início a rotina de crises econômicas que atravessaria o governo de seu sucessor Getúlio Vargas. O Brasil só encontraria novo rumo no governo Juscelino Kubitschek.



A guerra é também momento de novas oportunidades. A União Europeia decidiu boicotar o petróleo e os cereais exportados pela Rússia. O que era produzido pela Ucrânia não vai chegar aos portos ocidentais até que o conflito termine. É a oportunidade para o Brasil aumentar sua produção de grãos e de petróleo e substituir o produto russo nos mercados no outro lado do Atlântico. Há, ainda, a grande novidade do hidrogênio verde. É a energia produzida a partir de fontes renováveis, que promete acelerar a transição energética global.

Existem tecnologias capazes de separar o hidrogênio do oxigênio a partir da água, por meio da eletrólise. O hidrogênio mais cobiçado é o que usa energia de fontes renováveis, como hídrica, eólica e solar. Depois da eletrólise, o hidrogênio é comprimido e armazenado. Ele pode ser armazenado e exportado em navios de grande capacidade. No

destino, ele retorna à forma original para ser utilizado como fonte de energia, ou seja, combustível. O Brasil pode se transformar em importante produtor de hidrogênio verde, porque possui a capacidade para desenvolver grandes parques eólicos ou solares e dispõe da infraestrutura portuária em posição ideal para exportar a países europeus.

Em maio de 1994, o candidato Lula liderava a disputa para a Presidência da República com 40% das intenções de votos. Fernando Henrique tinha 17%. Veio o Plano Real e acabou com a inflação. Mudou tudo. O candidato do PSDB venceu no primeiro turno. Os candidatos, em 2022, precisam ter olhos de ver o que acontece no mundo. Bolsonaro terá sua chance no encontro com Joe Biden em Los Angeles. O futuro próximo se resume em possibilidade, oportunidade e vontade. A conjugação dos três quesitos tem o poder de mudar o resultado da eleição.

A semana do meio ambiente ou do ambiente inteiro

» MARCUS NAKAGAWA
Professor da ESPM; coordenador do Centro ESPM de Desenvolvimento Socioambiental (Ceds)

Cada vez que chega o dia do meio ambiente, ou a semana ou o mês, sempre temos muitas entrevistas, artigos, palestras e aulas para fazermos. Mas sempre fico me perguntando se chamássemos em vez de meio ambiente de ambiente inteiro, será que as pessoas lembrariam desse tema o ano inteiro?

Lógico que entendo que estamos falando do meio em que vivemos. Mas na verdade vivemos nele inteiramente. Talvez seja somente um jogo de palavras, sendo o mais importante lembrarmos que o tal do meio ambiente está sofrendo muito e nós com ele.

Por isso, inclusive, criaram o Dia Mundial do Meio Ambiente que é 5 de junho. Nesse dia, no ano de 1972, a Organização das Nações Unidas (ONU) realizou uma importante conferência que discutia o futuro sustentável e as relações entre os seres humanos e o planeta. No evento, que ocorreu na Suécia, conhecido como Conferência de Estocolmo, foi criado o Pnuma, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente ou em inglês o Unep — UN Environment Programme.

Esse momento foi importante para cair a ficha que os recursos que retiramos da natureza são finitos, ou seja, podem acabar. E o pior de tudo é que, além de arrancarmos mais do que precisamos e não distribuirmos corretamente entre as pessoas, sujamos e poluímos o que ainda não foi retirado.

Parece que essa equação não está fechando pela lógica e pela sobrevivência. Poucas pessoas com muito do que foi retirado do planeta e outras sem nada. Pior que aqueles que não receberam esse pedacinho do planeta (os recursos naturais retirados e transformados) estão sofrendo mais com a emergência climática. Existem até cientistas estudando a Justiça Climática, um conceito muito importante que precisamos divulgar cada vez mais.

Talvez seja porque muitas pessoas ainda não tenham entendido o que está acontecendo, ou pode

ser que um grupo de pessoas esteja tentando manipular a importância de cada um dos assuntos tratados até agora. Tenho falado muito sobre o foco que damos para as coisas da vida e do que queremos efetivamente. Precisamos ficar muito atentos a isso.

Aquecimento global, queimadas, emergência climática, chuvas torrenciais, poluição dos mares, corais morrendo, consumo e geração de lixo desenfreado, agrotóxicos nos alimentos e nos rios, animais sendo extintos, fome, entre outros problemas do mundo e do planeta estão endereçados nos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030. Sim, sabemos quais são os desafios do mundo e um grupo de mais de 190 países definiriam inclusive 169 metas dentro desses 17 ODS.

Quando falamos do meio ambiente, ou do ambiente inteiro, temos que saber que nós (pessoas) estamos dentro dele, e que o sistema econômico vigente também está dentro e depende dele. Para ilustrar melhor a tal da sustentabilidade dividiram o tema no tripé: ambiental, social e econômico. Atualmente as empresas e os investidores têm chamado de ESG essa temática. Mas foi só para ser mais didático separar os projetos, ações e indicadores. No final das contas está tudo dentro do mesmo planeta.

A sustentabilidade forte, que está ligada à economia ecológica, mostra que temos alguns limites planetários e que o progresso tecnológico e científico são fundamentais para minimizarmos os impactos na natureza ou até zerarmos. A corrida pelo zero waste (lixo zero) e pelo net zero (carbono neutro) pelas empresas está mostrando que temos sim evoluções no pensamento e nas atitudes. Os pactos internacionais e os acordos das empresas em vários segmentos têm evoluído e feito com que os investidores entendam a importância desses indicadores ambientais e não só os tradicionais indicadores financeiros, como estão acostumados.

Se compararmos tudo o que está acontecendo hoje com o começo dos anos 1970, evoluímos bastante, porém sinto que a conta ainda não está fechando, já que o fator do aumento da população exponencialmente é uma variável na equação que também acaba influenciando.

Passando por todos esses anos de Dia do Meio Ambiente, ainda acredito que o poder da transformação está na educação para a sustentabilidade e na mudança para um modelo de consumo mais sustentável.

Para a educação inclusive, no Brasil, existe a Política Nacional de Educação Ambiental (LEI 9.795) que deve “estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”.

E que o poder público deve “definir políticas públicas que incorporem a dimensão ambiental, promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e o engajamento da sociedade na conservação, recuperação e melhoria do meio ambiente”.

E os meios de comunicação em massa devem “colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação”.

E as empresas e todas as organizações devem “promover programas destinados à capacitação dos trabalhadores, visando à melhoria e ao controle efetivo sobre o ambiente de trabalho, bem como sobre as repercussões do processo produtivo no meio ambiente”. No caso da educação para sustentabilidade só temos que lembrar, ler, seguir e aprimorar essa lei.

Para o consumo mais sustentável, precisamos de mais empreendedores e intraempreendedores pensando, criando, desenvolvendo produtos e serviços com impacto zero ou impacto positivo ao meio ambiente e às pessoas. E o mais importante, precisamos de pessoas como você pensando e atuando no meio ambiente e no ambiente inteiro em que você vive.

CEP
71.686-670

» RICARDO NOGUEIRA VIANA
Professor de educação física,
delegado chefe da 6ª DP

Em maio, a Polícia Civil do Distrito Federal, por meio da 6ª DP, desencadeou a Operação Finis, com o intuito de prender duas associações de criminosos que tinham uma única finalidade — se exterminarem. Os grupos se concentravam nas regiões do Paranoá e Itapoã, localidade que está em frequente pujança populacional, agregando mais de 130 mil pessoas. Nos últimos dois anos, os associados foram responsáveis por dezenas de mortos na região. Rememorando a história do DF, esse tipo de reunião de jovens — formando gangues — não é característica apenas desse local, tampouco de Brasília e também não tem a ver com poder econômico, pois investigações dessa espécie já foram encampadas por esta Polícia Judiciária em outras áreas, inclusive em nichos de classe média.

Analisando características e comportamentos dos dois grupos, verificou-se que reúnem pessoas entre 15 e 35 anos, as quais se agruparam com o intuito de defender os seus territórios e interesses. Em síntese, nenhum deles sabe dizer como a contenda começou, mas uma coisa é certa, ceifavam ou tentavam matar pessoas, por vaidade, ódio e até mesmo sobrevivência. É fato que os indivíduos estavam associados para a prática de crimes, mas ousou fazer uma subdivisão desse ilícito penal — associação criminosa, previsto no artigo 288 do Código Penal. Quando se trata de gangues, os escroques estão juntos e têm um objetivo comum, mas há a ausência de caráter econômico. Não havia aferição, tampouco repartição de lucros, mas, simplesmente, união para matar os adversários. Deve-se perguntar, como eles se mantinham? Todos tinham suas carreiras soltas, ou seja, praticavam seus delitos de forma autônoma e intencional: traficavam, roubavam, receptavam e furtavam, mas não dividiam os produtos, tampouco os proventos dos crimes com a corja.

Dos 22 homicídios consumados assimilados pela região no ano pretérito, 11 são atribuídos à malta. Curiosidade, dois deles aconteceram após o benefício da saída temporária, vulgo saída. Em um deles, o suspeito não residia na região, ou seja, a ordem foi originada do interior do estabelecimento prisional. Interrogando um de seus membros, que detinha uma tatuagem do grupo no dedo anular direito, ele relatou de forma curiosa: “Entrou no meu CEP, a bala voa!” O algoz se referiu ao código de endereçamento postal, ou seja, os grupos pretendiam dividir as regiões do Paranoá e Itapoã em áreas e quem ultrapassasse os limites impostos era alvejado, isto é, sofria um ataque. Fosse a ação bem-sucedida ou não, haveria o revide.

Rememoro os tempos em que chefiava umas das delegacias da Ceilândia. Em 2018, uma criança de cinco anos foi morta com tiros na cabeça, após um ataque da gangue rival. Quatro indivíduos entraram de forma inopinada no outro território e efetuaram tiros em direção ao irmão da vítima. Ele também foi atingido, mas não faleceu, mas a criança, sim. Oremos! Após intenso e exaustivo trabalho de inteligência junto à investigação policial, internamos os três adolescentes envolvidos e o maior amarga o cárcere, após os 36 anos de reclusão que o júri popular lhe atribuiu. Depois desse fato, as gangues do local foram indigeadas e os malfeitores presos, o que fez com que a região do Setor O e adjacências ficassem um tempo considerável sem homicídios relacionados aos grupos rivais.

A Operação Finis cumpriu 59 mandados de prisão e 37 de buscas. Dos presos, 22 se encontravam reclusos no sistema prisional e quatro cumpriam internação no sistema socioeducativo, ou seja, eram adolescentes. Além da perfídia e crueldade, os associados mostraram que não conseguem viver em comunidade e merecem mudar de CEP, ou seja, serem enviados ao sistema prisional (CEP 71.686-670) para que, um dia, possam retornar ao convívio social de forma a não burlar valores e aprender que a paz e a vida são bens indisponíveis. A investigação também apurou o envolvimento de vários adolescentes, os quais se alvorçavam para galgar postos dentro da associação, com o fim de perpetuar horrores. Que sejam mantidos presos!

Rogamos que permaneçam harmônicas as duas regiões administrativas, sem territórios demarcados, gangues e baixos índices de criminalidade, para que o cidadão de bem, contribuinte e sujeito de direitos, possa viver em sociedade.